

Será (terá) o “Palpite” integrado a Comissão Científica Exploratória de Dom Pedro II (em 1859)?¹

Registro, análise e possível identificação de um naufrágio conhecido próximo a Acaraú - CE.

AUGUSTO CÉSAR BASTOS BARBOSA*

ALEXANDRA FIGUEIREDO*

FLÁVIO CALIPPO*

MARCUS DAVIS BRAGA*

ADRIANO ANUNCIÇÃO OLIVEIRA*

GLEIDSON SALES*

Resumo

No litoral norte do Estado do Ceará, próximo à foz do rio Acaraú foi registrado um naufrágio, que pelos materiais e características apresentadas aparenta tratar-se de um Brigue, dos meados do séc. XIX. Entre os vários documentos e pesquisas efetuadas existe uma possível embarcação que se conta ter naufragado nesta zona, enquadrando-se, em todos os âmbitos, com a situação de naufrágio, estrutura e materiais

1 NR-título do artigo com adendo entre parênteses visando uma melhor contextualização.

- * Sócio Efetivo do Instituto do Ceará e Pós-graduado, Instituto Politécnico de Tomar
- * Doutoranda, Instituto Politécnico de Tomar (IPT), Universidade Autónoma de Lisboa
- * Doutorado, Universidade Federal do Piauí (UFPI)
- * Mestrado, LABOMAR, Universidade Federal do Ceará (UFC)
- * Doutorado, Instituto Universidade Virtual, Universidade Federal do Ceará (UFC).
- * LABOMAR, Universidade Federal do Ceará (UFC).

registados. As prospecções diretas realizadas no local apontam para uma correspondência com uma probabilidade alta, sendo diversos os parâmetros que se conjugam entre o registro arqueográfico subaquático e as referências descritas. A embarcação *Palpite*, como assim foi descrito, seria a que traria como carga parte dos estudos da equipa de Francisco Freire Alemão, líder da Comissão Científica Exploratória criada por D. Pedro II, em 1856. No *Palpite*, que seguiria em direção a Fortaleza, encontravam-se os documentos gráficos, fotográficos, materiais, com diversas amostras recolhidas durante a investida, as coleções de Sobral e Meruoca e descritivos da comissão de geologia e mineralogia. Todos estes itens se perderam junto à costa de Acaraú. Neste artigo pretendemos demonstrar os resultados do estudo das prospecções realizadas no naufrágio de Acaraú, bem como levantar a hipótese de identificação da embarcação.

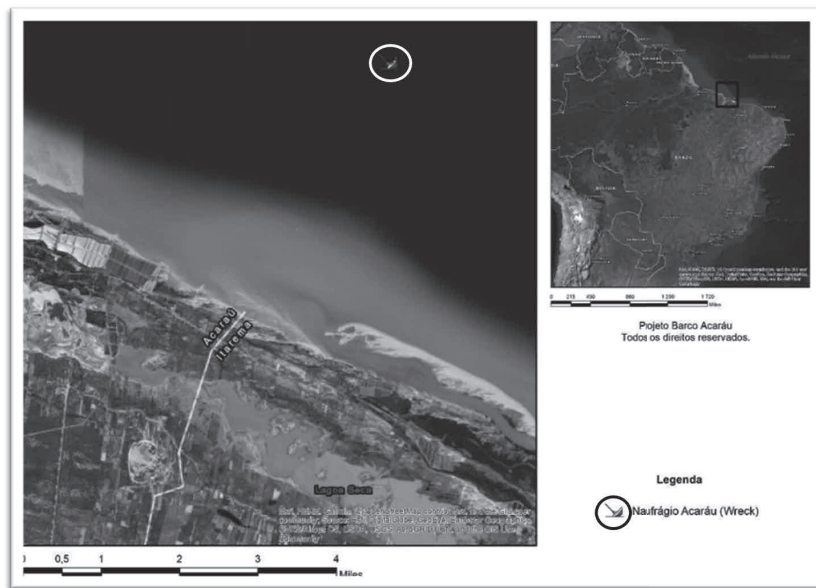
Palavras-chave: Arqueologia Subaquática; D. Pedro II; Comissão Científica Exploratória; Naufrágio; Embarcação à vela, Acaraú.

Contexto geral

O naufrágio localiza-se no litoral norte do Estado do Ceará (Brasil), próximo a foz do rio Acaraú, a cerca de 2,5 km do ponto mais próximo da costa, com as coordenadas 02° 48.627'S e 039° 54.942'W (**Figura 1**). O local, com uma profundidade média de 5 metros, é pouco acidentado, revelando uma grande quantidade de vida marinha e cobertura do coral *Siderastrea*, além de *seagrass* que se observam nas imediações.

Com uma boa visibilidade geral, pouco comum a uma proximidade tão curta da costa, possui água com uma temperatura média de 27 graus celsius.

Figura 1: Localização do naufrágio



Legenda: Localização do naufrágio em estudo. Mapa ArcGis10.3, Basemap world imagery da Esri.

Fonte: Laboratório de Arqueologia e Conservação do Patrimônio Subaquático, Instituto Politécnico de Tomar, 2021.

Metodologia e estudo prévio

Antes do arranque dos trabalhos, com vista a um melhor planeamento, foram desenvolvidas algumas pesquisas, nomeadamente a nível local, com inquéritos aplicados à comunidade; a nível documental, com o registro de embarcações naufragadas durante os últimos séculos, reunindo todas as informações existentes que auxiliassem no entendimento e identificação do naufrágio a intervir; e estudo de detecção remota usando os satélites NOAA 20 e SUOMI-NPP. Este último trabalho foi articulado em parceria com o LABOMAR/UFC e do Laboratório de Arqueologia Marítima e Subaquática da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Sobre o tema foi já apresentada uma tese de investigação na Pós-graduação de Arqueologia

Subaquática (BASTOS, 2022), defendida no Instituto Politécnico de Tomar (Portugal) e Universidade Autónoma de Lisboa.

Metodologia e trabalhos práticos desenvolvidos

Com vista a perceber os destroços e a registar as características da embarcação com o objetivo de a identificar foram realizados diversos mergulhos de prospecção não invasiva, com uma equipa interdisciplinar, dirigida por Flávio Calippo. Os mesmos tiveram lugar em agosto de 2020. Os trabalhos pautaram-se por uma prospecção direta em linhas paralelas, no sentido longitudinal e perpendicular. Durante os mergulhos foram desenvolvidas filmagens, para posterior tratamento fotogramétrico. Conforme as duplas de trabalho, consideraram-se o desenvolvimento de tarefas de registro de croqui dos destroços, delimitação da área de dispersão do sítio, medição das peças mais relevantes e identificação. À superfície desenvolveu-se ainda um levantamento, no sentido longitudinal e perpendicular do local, com emprego do sonar de varredura lateral *Garmin*. As anomalias mais relevantes, que foram identificadas pelo uso de sonar, foram georreferenciadas por meio de boias de isopor, lastreadas ao fundo, por poita de pedra e linhas de pesca, para posteriormente serem investigadas in situ, por meio de prospecção direta. Todo o espaço foi registrado batimetricamente e alguns dos vestígios georreferenciados.

Resultados

De acordo com as imagens obtidas pelo *sidescan* (**Figura 2**), por fotografias e contato visual durante os mergulhos, identificamos a embarcação com sua estrutura em avançado estado de degradação, provavelmente pelo desmonte, que consideramos ter existido na época do naufrágio, devido à sua proximidade à costa e pouca profundidade. Nos mergulhos foi possível perceber que se trata de uma embarcação projetada com propulsão à vela, provavelmente em uma época de transição para propulsão a vapor, da segunda metade do século XIX.

Figura 2: Registro do sidescan da localização do naufrágio.



Fonte: Gleidson. 2020.

Os vestígios, nomeadamente as estruturas expostas acima do solo marinho, apresentam-se bastante concrecionados, dificultando a interpretação de algumas peças que se encontram, parcialmente enterradas. No local, registaram-se partes em madeira e em ferro, onde ainda restam peças de pequenas e grandes proporções, destacando-se uma âncora em estilo almirantado (**Figuras 3 e 4**), uma caldeira (**Figuras 5 e 6**) auxiliar de dimensão reduzida, que normalmente era utilizada para içamento de âncoras, cargas e também para gerar energia quando a embarcação se encontrava ancorada nos portos e atracadouros; um guincho (**Figura 7**), um cabrestante, cravos de bronze (**Figura 8**), joelhos (**Figura 9**), cavilhas e peça de fixação dos estais no gurupés/mastro.

Figura 3: Âncora



Foto: Marcus Braga, 2020

Figura 4: Imagem em 3D da âncora



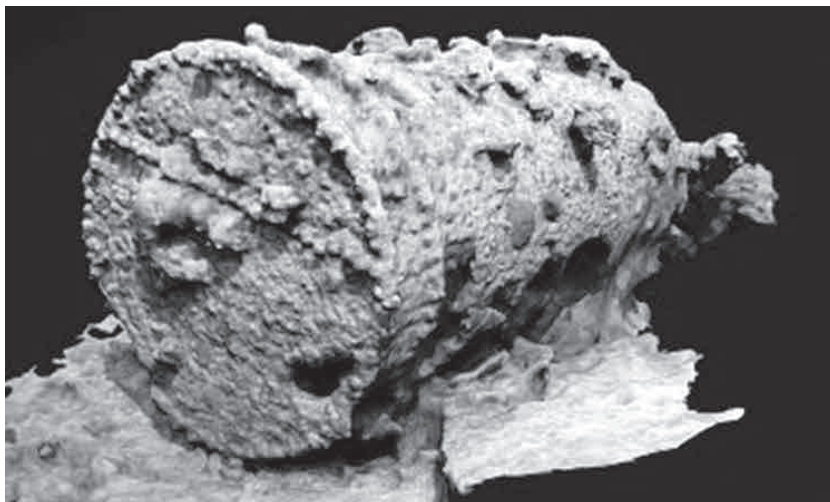
Legenda: Reconstrução 3D da âncora por fotogrametria. Fonte: Adriano Oliveira, 2021 (<https://youtu.be/7nnTc5QRa9w>).

Figura 5: Caldeira



Legenda: Imagem da Caldeira, com o detalhe das linhas de rebites da parte inferior e a entrada da fornalha. Foto: Marcus Braga, 2020.

Figura 6: Imagem em 3D da caldeira



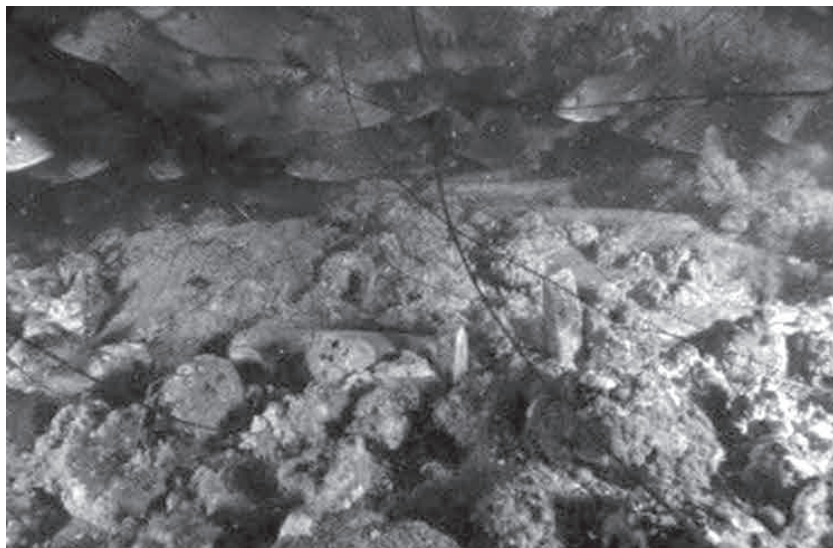
Legenda: Reconstrução 3d da caldeira por fotogrametria. Fonte: Adriano Oliveira, 2021 (vídeo: <https://youtu.be/8LpoYQNgAUo>; interativo: <https://skfb.ly/o6ARG>).

Figura 7: Guincho



Legenda: Guincho, em posição invertida. Foto: Marcus Braga, 2020.

Figura 8: Cravos em Bronze



Legenda: Cravos de bronze com as pontas saindo do sedimento, indicando que a porção do fundo embarcação deve estar ainda enterrada. Foto: Marcus Braga, 2020.

Figura 9: Joelhos



Legenda: Joelhos (à boreste), distantes do conjunto de destroços. Foto: Marcus Braga, 2020.

Analisando o sítio, registamos que possui proa apontada para leste e aparentemente, com parte da estrutura restante caída para boreste, medindo cerca de 35 metros de comprimento por 6 metros de largura.

Contextualizando o naufrágio em relação aos pontos cardeais, podemos entender melhor a dinâmica do sinistro, verificando o rumo para a cidade de Fortaleza, indicando que vinha do Noroeste, quando provavelmente alterou seu rumo em direção a costa, procurando, provavelmente, águas mais rasas para obter melhores condições de salvamento. As peças encontram-se sobre o sítio, ou, no seu redor, mas muito próximas dos destroços da embarcação, sendo um naufrágio que não apresenta uma grande dispersão dos materiais, indicando um comportamento da estrutura eclipsada para boreste do navio.

Alguns dos objetos presentes (BASTOS, 2022, p. 43), bem como o registro e a confirmação do uso secundário da caldeira encontrada, vem confirmar a preposição de que se trata de um naufrágio ocorrido na fase de transição para embarcações a vapor ou *steamship*, pois estas caldeiras, designadas de auxiliares, não eram tão utilizadas para navegação e sim para a faina diária.

Os inquéritos realizados à comunidade, sobretudo piscatória, teve alguns resultados interessantes de análise (BASTOS, 2022, p. 44-48); três dos inquiridos revelaram que do local foram extraídos diferentes objetos, mencionando um deles a presença de espólio por familiares, tendo algumas peças em bronze sido vendidas ao padre local, para fazer os sinos que coroam a igreja de Acaraú. Um nativo de Itarema, que também é historiador e administrador de um museu, mencionou que em conversação com outros habitantes locais, nomeadamente o Mons. José Edson Magalhães, obteve a informação que, por volta de 1860, terá ocorrido naquela zona um naufrágio. De acordo com os entrevistados, é também notório o relato de um neto de historiador, revelando que existe uma menção de nome de Guajará, de um naufrágio, em algumas publicações de Nicodemos Araújo (ARAÚJO, 2005).

Em pesquisa realizada tornou-se notório que existe alguma discrepância entre o publicado e os sites de levantamento de naufrágios, apontando a ocorrência durante o séc. XX, e não em 1850, como é referido pelo autor (ARAÚJO, 2005). O naufrágio terá, mais precisamente, ocorrido no

ano de 1922, data do afundamento referenciado no site Brasil Mergulho (BRAGA, 2015, p. 170) ou em 1926, tal como descrito no site Naufrágios do Brasil. Estas últimas datas são coerentes para o registro, tendo em conta os vestígios observados e apontados como pertencentes à barçaça Guajará. As pesquisas apontam-na como localizada no sítio Boca da Barra, não sendo a embarcação tratada neste artigo.

Para além das possibilidades já apresentadas, a análise documental colocou outra alternativa (BASTOS, 2022). Um dos autores deste artigo, Bastos, considerou pertinentes os relatos referentes à expedição da Comissão Científica Exploratória criada por D. Pedro II, em 1856, apontando como podendo ter grande viabilidade tratar-se do naufrágio da embarcação à vela “Palpite” (PORTO ALEGRE, 2003; ALEMÃO, 2011; BARROSO, 2017; ANDRADE, 2020).

Sobre este ponto, tal situação, atendendo à cronologia em que integramos a maior parte das peças registadas e das características da embarcação observada tornou-se, aparentemente, bastante exequível.

De acordo com os registros, D. Pedro II, influenciado pela cultura científica que se vivia, empreendeu a primeira expedição, unicamente composta por cientistas brasileiros, criando a Comissão Científica Exploratória, em 1856. Cada secção teria objetivos muito concretos de trabalho e pesquisa. Logo numa primeira investida, em 1856, a Comissão terá partido do Rio de Janeiro para Fortaleza, daí seguiram para Aracati e depois em direção ao sertão, onde exploraram várias cidades, finalizando a 23 de maio de 1860 (BRAGA, 1962; BASTOS, 2022). A segunda etapa foi direcionada para o norte da Província, tendo partido em outubro, desse mesmo ano, e chegando a Fortaleza a 27 de abril do ano seguinte, em 1861.

A embarcação “Palpite”, era de propriedade de José Pereira Pacheco e integrou como transporte a comitiva, tendo sido descrito como tendo 30 metros de comprimento (NOGUEIRA, 2013, p. 178). De acordo com os registros transportaria parte da carga da primeira expedição, fretada aquando da passagem por Aracati, com destino à capital e naufragou com todos os documentos descritivos, fotográficos e amostras que transportava, ao largo de Acaraú.

Considerações finais

De acordo com as possibilidades levantadas, parece-nos relevante considerar como retrato do cenário a grande probabilidade de estarmos perante o naufrágio da embarcação à Vela “Palpite”, pois, todos os indícios nos apontam para uma estrutura naval do mesmo período e do mesmo tipo, afundada naquela área.

O registro de campo apresenta um veleiro de casco misto, madeira e metal, com porte significativo, que utilizava elementos náuticos e técnicas construtivas marcadamente da segunda metade do século XIX, data do afundamento do Palpite. O estudo continuado do sítio arqueológico poderá vir a confirmar tal pressuposto, permitindo até, pelo desenho e estudo da estrutura, como é o caso dos joelhos e das cavernas reconstruir graficamente o casco, demonstrando a envergadura da embarcação.

Os relatos sobre o naufrágio do Palpite indicam que a madeira foi retirada pela população local, estando também de acordo com a tradição oral de extração por parte dos habitantes, revelando também aqui a proximidade do naufrágio à costa. Para um melhor entendimento seria relevante observar a quilha (que provavelmente deve estar sob os destroços) ou estudarmos mais a fundo o conjunto de joelhos que se distribuem principalmente a boreste da embarcação, que será um objetivo nos trabalhos futuros. É possível que nem todas essas peças com formato curvilíneo possam ser joelhos. Existe a possibilidade de algumas delas serem responsáveis pela estrutura que forma a porção inferior do costado e fundo do navio.

A distribuição dos joelhos ao longo do sítio de naufrágio pode apontar ainda elementos importantes para um melhor entendimento dos processos formativos do sítio arqueológico (MUCKELROY, 1976). Esses elementos parecem indicar que a embarcação colapsou levemente no sentido de boreste, como já havíamos referido nos pontos anteriores deste artigo. Os equipamentos de bombordo (como caldeira e ancora) estão assentes sobre parte dos destroços, mais precisamente sobre os joelhos de bombordo, indicando, provavelmente, que nesse lado do navio, a desarticulação terá ocorrido quando ele estava, ainda, na vertical, em posição de navegação, como é sugerida pelos relatos históricos sobre o naufrágio do Palpite. A boroeste, o cenário é diferente, os joelhos estão afastados alguns metros do

corpo central dos destroços. Situação que alude um afundamento vertical com colapsamento para boroeste.

Tal como foi defendido podemos também pressupor que “tal condição possa ser resultado do processo do desmonte do navio pela população local...(ou) que seja resultado da intensidade da hidrodinâmica das águas da região, que gera a maior parte do tempo uma corrente que atinge o naufrágio por bombordo” (BASTOS, 2022, p. 50).

A direção da dispersão dos destroços também corrobora com os relatos do Palpite, que viria em direção a Fortaleza, situada a sul. Pressupomos que a determinada altura, os ventos que se fariam sentir nesse dia, teriam empurrado a embarcação para perto da costa, podendo ter provocado o acidente.

Para além de outras características consonantes com os de Palpite, os rebites e a dimensão da caldeira observada é semelhante à referida pelos documentos que fazem alusão à embarcação, com 2,75 m de altura por 1,38 m de diâmetro, inclusive. Ao lado da caldeira identificamos a sua base de metal, reforçando a ideia da perspectiva de uma caldeira vertical.

Também a âncora, por ser de almirantado, com cepo móvel, característica do período apontado, com 3,15 metros de comprimento por 2,00 metros de largura (unha a unha) e 0,7 metros de unha, aponta para uma tonelagem semelhante à do possível Palpite. Próximo a esta foram registados um guincho e um cabrestante, destinado à sua recolha manual.

Os objetos de mastreação tornam notório a existência de grandes mastros, pelo menos dois, confirmando tratar-se de uma embarcação com propulsão à vela. Os destroços fazem-nos deduzir a existência de um deles a meia nau, possivelmente o que se localizava na popa, e outro na proa, que teria quebrado e caído à frente da embarcação.

As peças de fixação dos estais foram registadas à frente da popa e outro à boreste (a meia nau).

Não existe um só elemento que não encaixe ou se compadeça com outra analogia que não seja a do Palpite, pois todos os elementos estão associados a uma embarcação de porte e de tecnologia similar a um Brigue classe que as informações históricas atribuem à embarcação documentada.

Desta forma, por todas as razões acima indicadas e muitas outras que fomos registando esta é uma boa hipótese a considerar, pelo menos para

já, requerendo uma necessidade de continuação de trabalhos para garantir efetivamente este pressuposto.

(ATLANTICUS: Revista do Museu EXEA, Vol.1 Julho 2022, p.85-98, ISSN 2764-7358)

(<https://doi.org/10.29327/264588.1.1-8>)

Referências bibliográficas

ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão (1859- 1861). Fortaleza: Ed. Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Tesouros do sertão: Comissão científica de exploração ao Ceará ajudou a enriquecer acervo do Museu Nacional em meados do século XIX. Revista FAPESP, edição 274, dez. 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/tesouros-do-sertao/> acessado em: novembro/2020.

ARAÚJO, Nicodemos. Município de Acaraú. Notas para sua História. Acaraú, 2005.

BARROSO, Gustavo. Coração de Menino. Fortaleza: Ed. Getúlio M. Costa, 1939.

BARROSO, Natalício. As Pirâmides do Egito e o Palpite do Ceará: Comissão Científica de Exploração, também conhecida como Comissão das Borboletas e suas implicações no naufrágio do Palpite em 1861 no Ceará. Fortaleza: Ed. Instituto Episteme de Saúde, Educação e Cultura, 2017.

BASTOS, Augusto. Identificação do naufrágio conhecido como Barco Acaraú. Dissertação de Pós-graduação em Arqueologia Subaquática. Instituto Politécnico de Tomar. Portugal. 2022.

BRAGA, Marcus; Barbosa, Davis, Barbosa; Bastos, Augusto César. Atlas de Naufrágios do Ceará. Fortaleza: Ed. Gráfica e Editora LCR, 2015.

BRAGA, Miguel Sávio de Carvalho. Embarcações a vela do litoral do Estado do Ceará: construção, construtores, navegação e aspectos pesqueiros. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Ciências do Mar, Pós-Graduação em Ciências Marinhas Tropicais, Fortaleza, 2013.

NOGUEIRA, João. Fortaleza Velha. Fortaleza: Ed. Armazém da Cultura, 2013.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. *Comissão das Borboletas: a ciência do império entre o Ceará e a Corte (1856-1867)*. Fortaleza, 2003.

SPIX, F. Johann Baptist Von. 1781-1826. *Viagem pelo Brasil. (1817-1820)*. Brasília. Vol. I, II, III. Edições do Senado Federal. Brasília. 2017.